JORNALISMO E POLIFONIA: PROBLEMATIZAÇÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS[1]

GT16: Estudos sobre Jornalismo

Bruno Souza Leal[2]

Carlos Alberto de Carvalho[3]

Resumo

As potencialidades heurísticas do conceito de polifonia para o jornalismo têm sido enfraquecidas pela pressuposição de que uma notícia seria polifônica por definição. Essa pressuposição orienta duas abordagens teóricas distintas. Uma tende, no que denominamos "ingenuidade teórica", a considerar a simples presença de várias fontes como garantia de pontos de vista diversos. A outra, que chamamos "formalismo metodológico", lida com as interconexões entre jornalismo e polifonia buscando os traços polifônicos nas narrativas jornalísticas pela lógica da enunciação e da análise de discurso. Partindo da pressuposição bakhtiniana de que polifonia é o concerto de vozes sociais imiscíveis, o artigo tem como objetivo indicar elementos teóricos e metodológicos que sejam capazes de indicar as potencialidades heurísticas do conceito quando aproximado ao jornalismo, considerando, especialmente, o papel da textualidade informativa, das personagens e das mídias noticiosas.

---

[1] Trabalho apresentado no GT 16 Estudios sobre Periodismo, XII Congresso Alaic, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, Peru, 6 a 8 de agosto de 2014.

[2] Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Pesquisador 2 do CNPq. E-mail: brunosleal@gmal.com.

[3] Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Pesquisador 2 do CNPq. E-mail: caco5@uol.com.br.

A polifonia no jornalismo entre a ingenuidade teórica e os riscos metodológicos

Retomar o conceito bakhtiniano de polifonia para apreender os modos como vozes sociais são dadas a ouvir ou são silenciadas pelo jornalismo já constitui uma das tradições dos estudos jornalísticos, ora com preocupações mais centradas nas questões em torno das enunciações, ora na pressuposição acrítica de que a mera presença de mais de uma fonte seria suficiente para garantir a diversidade de vocalização social nas tramas noticiosas. Embora sem a pretensão de fazer um levantamento extensivo dos muitos estudos nessa área de preocupação, é possível identificar algumas tendências recorrentes, com suas contribuições mais esclarecedoras e os limites que, nelas identificadas, possibilitem a proposição de novas abordagens. Destaque-se que tomamos como ponto de partida que o jornalismo encontra-se socialmente envolto em permanentes negociações de sentido sobre os acontecimentos narrados, situando-o como um importante ator social que negocia com uma série de outros atores sociais visões de mundo (CARVALHO, 2012) e que essa condição é particularmente importante para a identificação do possível caráter polifônico em uma narrativa jornalística específica ou a partir de uma mídia noticiosa mais amplamente escrutinada.

Certamente o equívoco mais comum em pesquisas sobre as interconexões entre jornalismo e polifonia está na proposição de que aquele, ao cumprir um de seus pressupostos – ao menos em tese – de ouvir todas as partes envolvidas em uma questão, uma notícia já teria garantida sua qualidade polifônica. Complementarmente, ou isoladamente, encontramos as proposições da polifonia como sendo intrínseca a toda produção jornalística, considerando que ela aciona, no mínimo, as falas de repórteres e fontes na produção de suas narrativas (SILVA, s/d; MIRANDA, 2008). Veja-se o que propõe Fernando Albuquerque Miranda ao estudar a polifonia na reportagem impressa:

> Esse gênero do jornalismo, que pressupõe a realização de uma interpretação do acontecimento para o leitor, permite a convivência de várias vozes no texto. Essas vozes são representadas pelas várias fontes entrevistadas, pelas informações obtidas por meio de pesquisa (em arquivos, documentos, livros, *internet*), pela voz do repórter, que é o responsável por alinhavar essa massa informativa dando-lhe a forma de texto jornalístico, [...] e também pelo momento da edição, na qual a reportagem recebe o tratamento de outros jornalistas (redator e editor), portanto de outras vozes, que darão o tratamento definitivo à matéria, escolhendo títulos, chamadas de capa e fotos (com suas respectivas legendas). (MIRANDA, 2008, p. 69)

Abordagens como essa têm como pressuposto um gesto necessariamente aberto e democrático do fazer jornalístico, desconsiderando, entre outros, os processos de rotinização e padronização da notícia (que sugerem inclusive a ideia de "crise" no jornalismo), os controles presentes nas culturas organizacionais, os ancoragens sociais e perfis ideológicos das mídias informativas (que predefinem pautas e modos de abordagem, por exemplo) (SOLOSKI, 1999; WOLF, 1989; TRAQUINA, 2002; MOUILLAUD, 2013; ZELIZER, 2009, entre vários outros). Além disso, a esse tipo de ingenuidade teórica, acompanhada de consequente limitação metodológica, quase sempre escapa o próprio conceito de polifonia, tal como Bakhtin e seu círculo propuseram ao lidarem com as questões da literatura. Em obras como *Questões de literatura e estética* (2010) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010), Bakhtin propõe o conceito de polifonia como característica dos modos como Dostoiévski permite aos seus personagens a múltipla expressão de pontos de vista sociais.

No entanto, a polifonia não resulta necessariamente de uma multiplicidade de personagens ou de agentes envolvidos na produção de um texto – em determinadas circunstâncias, no caso do jornalismo, apenas de fontes ouvidas para a construção de suas narrativas – mas da evocação de diferentes vozes sociais. Mais comum em certas coberturas jornalísticas pode ser a convocação de variadas vozes concordantes, situando-se aquém de quaisquer possibilidades de diferenciação social, de visões sociais de mundo conflitantes e/ou capazes de matizar contradições sociais. A expressão, recorrentes nas redações, de "buscar aspas"[4], nesse sentido, revela o quanto as fontes e as personagens podem servir para confirmar o enquadramento proposto na pauta e a leitura de mundo estabelecida pela mídia informativa ao invés de efetivamente materializarem visões sociais peculiares.

Essa ingenuidade resulta, também, dentre outras variáveis, do fato de que tais abordagens costumam passar ao largo das textualidades noticiosas efetivamente postas em circulação pelas mídias informativas e que constituem uma realidade a ser necessariamente contemplada no escrutínio do jornalismo. Ainda que o conceito de polifonia tenha sua origem em textos eminentemente verbais, na sua aproximação ao jornalismo é preciso necessariamente verificar a articulação de diferentes linguagens que concorrem para a configuração das notícias num jornal impresso, radiofônico, televisivo, de *web* etc. Cada linguagem oferece relações de sentido peculiares e o modo como elas são conformadas na textualidade midiática depende fortemente dos padrões narrativos e estéticos de uma mídia noticiosa específica e da forma peculiar que uma dada narrativa noticiosa adquire.

Nesse sentido, se, por exemplo, lidamos com a perspectiva da materialidade jornalística a partir das noções de narrativa, não pode escapar que o gesto de

[4] A expressão designa o esforço, na produção de notícias, de buscar alguém que possa servir de personagem no texto informativo, falando o que é esperado e/ou previsto na pauta.

narrar implica, em boa medida, articular personagens em situações de complexidade, o que permite melhor verificar as vozes sociais de que são portadoras, incluindo aí as problematizações acerca das relações entre temporalidades e tessitura da intriga (RICOEUR, 1994; 1997). É assim que uma narrativa pode conter uma única personagem e essa ser dotada da capacidade de trazer à tona uma grande diversidade de pontos de vista sobre o mundo social, inclusive tendo em vista sua historicidade e os conflitos de interpretação nele presentes. O contrário também é possível: várias personagens e/ou fontes concordarem em seus pontos de vista, não constituindo polifonia.

Além disso, uma notícia nunca vem sozinha. Ela compartilha seções, páginas, blocos de uma mesma edição de uma dada mídia informativa, da mesma forma que se relaciona – de diferentes modos – com a variedade de notícias postas em circulação na emergência periódica das mídias informativas (seja no ritmo de suas edições ou atualizações). Assim, por exemplo, um acompanhamento do tratamento jornalístico de um tema complexo, como a homofobia, tal como o feito por Leal e Carvalho (2012), pode verificar a emergência de relações polifônicas para além de uma dada notícia, no âmbito – contraditório e multifacetado – de jornais impressos, revistas e telejornais. Tais relações, por sua vez, dependem fortemente do modo como as notícias são compostas, como “lembram”, “esquecem”, “reafirmam” ou “negam” outras notícias.

Situadas em perspectivas que se afastam da ingenuidade teórica, as pesquisas sobre jornalismo e polifonia centradas nos problemas da enunciação e da análise do discurso (MACHADO, 2004; FONSECA, JÁUREGUI, 2010) apresentam maior rigor metodológico, ainda que não totalmente livres de, ao cabo, constituírem uma espécie de receituário aplicável a qualquer modalidade de *corpus* textual no universo dos produtos e processos jornalísticos. Por essa razão denominamos as pesquisas que tomam o universo das questões da enunciação e do discurso a

partir da expressão “formalismo metodológico”, com isso querendo trazer à tona duas variáveis. A primeira está na característica talvez central da tradição dos estudos em torno da enunciação, qual seja, a de buscar os elementos constitutivos de locutores e enunciadores, identificando suas diferenças, quase sempre a partir de um cardápio previamente definido de variáveis vistas como universalmente aplicáveis a quaisquer enunciados. Uma segunda caracterização do formalismo está na identificação das estruturas constituintes dos enunciados, outra vez tendendo ao enrijecimento das proposições e à busca de aplicabilidade em qualquer modalidade investigativa. Ao discutir as contribuições das teorias da enunciação e da análise do discurso à metodologia para identificação da polifonia no jornalismo, Márcia Benetti Machado destaca que

> Na AD, podemos falar de pelo menos dois níveis de definição de vozes. No primeiro (BRANDÃO, 1998), que é um nível de definição simples ou elementar, temos três instâncias de sujeitos inscritos em um discurso: o locutor, o alocutário e o delocutário. O locutor é aquele “que fala” – não apenas o falante, mas os sujeitos que falam por meio dele; temos um locutor autor, por assim dizer, e os locutores a quem ele dá voz por meio de sua fala. O alocutário é aquele “para quem o texto se dirige” – pode ser um interlocutor definido, em uma conversação, ou um alocutário anônimo, como geralmente ocorre na comunicação midiática. O delocutário é aquele “de quem se fala” – é o que se pode chamar de referente, ainda assim um sujeito. (MACHADO, 2006, p. 6)

Novamente, a polifonia, vista como constituidora do processo de enunciação, é transportada como que direta ou automaticamente ao enunciado e, com isso, a força heurística do conceito novamente se esvai. As variações possíveis nesse

modelo estariam em torno de noções como auditório de destinação dos enunciados, o que acaba por limitar percepções mais sutis e complexas sobre as relações que envolvem a constituição das textualidades e os processos de leitura. Para ficarmos apenas em uma das questões que fragilizam a ideia de auditórios, se os entendemos como limitadores do universo de interesse em determinada narrativa ou, o mais complicado, como conjunto de leitores cuja capacidade de compreensão textual se dá pelo pertencimento a uma categoria específica, por exemplo, de iniciados em questões científicas ou de interessados em determinada temática literária, apagamos as sutilezas dos gestos de leitura. Raramente pesquisas orientadas pelo que chamamos aqui de "formalismo metodológico" dão conta da noção de personagem que, como veremos, é uma das bases a partir da qual se observa o caráter polifônico ou não de uma narrativa.

Em algumas pesquisas é ainda possível identificar um amálgama entre as premissas da ingenuidade teórica e do formalismo metodológico, em que parte-se da pressuposição de que a polifonia no jornalismo resulta das diversas posições de enunciadores e locutores (MARCUZZO, MOTTA-ROTH, 2008). Estudos nessa perspectiva lidam duplamente com a naturalização das técnicas, teorias e métodos, sejam aquelas voltadas para o conjunto das práticas jornalísticas, sejam aquelas que acabam por transformar as variáveis da enunciação e dos seus postulados em mera dimensão técnica, no sentido de conjunto estático de regras que permitem identificar, em um determinado texto jornalístico ou em um conjunto deles, posições de enunciadores e de locutores. Para indicar algumas variáveis que podem evitar os limites nas abordagens das interconexões entre jornalismo e polifonia até aqui identificadas é necessário verificar como surge o conceito de polifonia e sua estreita ligação com teorias voltadas para os problemas da literatura. O que tem tornado possível a ampliação para o campo de outras textualidades que podem ser melhor matizadas pelo conceito de polifonia é o fato de Mikhail Bakhtin e seu círculo terem se ocupado de uma série de questões

voltadas para o texto e seus problemas, assim como para as características da linguagem, particularmente para a sua constituição social.

Polifonia, concerto de vozes sociais imiscíveis

A noção central da polifonia como concerto de vozes sociais imiscíveis nem sempre é levada em consideração em alguns estudos sobre as interconexões entre jornalismo e polifonia, criando simultaneamente problemas de ordem teórica e metodológica. Se tivermos clareza que polifonia surge para Bakhtin como um conceito em oposição àquilo que ele havia detectado como autoritarismo do autor no romance, fruto da monologia na construção das personagens, torna-se mais claro o desafio de apropriar as noções do pensador russo para o campo de estudos do jornalismo. Como nos lembra Beth Brait (2005), em Bakhtin é necessário ter em conta que a linguagem tem uma natureza dialógica que lhe é constitutiva, motivo pelo qual é possível extrapolar suas proposições conceituais para além do universo das pesquisas literárias. O próprio autor situou, vale lembrar, sua preocupação com a linguagem a partir de perspectivas sociológicas (BAKTHIN, 2009), tecendo ainda considerações acerca da filosofia, da psicologia e, especialmente, das condições éticas envolvidas nas relações estabelecidas pelas mais variadas modalidades de “uso” da linguagem, particularmente no que diz respeito às relações entre autor e personagem (BAKTHIN, 2006).

Ao estudar a composição das personagens em Dostoiévski Bakhtin depara-se com uma peculiaridade que situaria o autor russo como dotado de um caráter único, qual seja, o respeito à plenitude dos caracteres dos seres aos quais deu vida em suas narrativas. Bakhtin propõe o conceito de polifonia para explicar a composição das personagens e sua inserção no universo social construído no romance dostoevskiano:

> *A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski*. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo, uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a *multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos* que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais *são*, em realidade, *não apenas objeto do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante*. (BAKHTIN, 2010, pp. 4-5, com grifos no original)

O aspecto mais importante do conceito de polifonia atrela-se, por consequência, à condição das personagens no romance, alcançando níveis de relação ética entre autor e caracteres que em outros momentos foram objeto de considerações adicionais por parte de Bakhtin (2006), ao discutir questões pertinentes à *Estética da criação verbal*, que nomeia um de seus livros. Nota-se, assim, que trabalhar com a problemática envolvida na noção de polifonia requer situar, no acontecimento construído pela narrativa, ou que constitui para ela referência a partir da qual se tece a trama, o *quem* da ação, e não somente o *quê*, tal como encontramos, em outra tradição de estudos, na proposição de Paul Ricoeur (1991) ao discutir, dentre outras questões, a identidade narrativa e a identidade na narrativa. É na caracterização dos “quem” do/no texto, como a conformação do narrador e a composição das personagens, que está o ponto de partida para quaisquer considerações pertinentes acerca da polifonia em diferentes

modalidades narrativas, preservando-se as especificidades de cada modo de estar no mundo delas, sob risco do enrijecimento teórico e metodológico.

Como esses “seres textuais” se encontram enredados em tramas específicas, identificar suas características e os modos como suas vozes, suas consciências e suas capacidades de percepção da multiplicidade do mundo que as cerca são tratadas na narrativa é também identificar o próprio universo ao qual pertencem. Desse modo, segundo Paulo Bezerra,

> A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço do romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos. A consciência da personagem é a consciência do outro, não se objetifica, não se torna objeto da consciência do autor, não se fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras consciências e só nessa interação revela e mantém individualidade. Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com vozes de outras personagens. (BEZERRA, 2005, pp. 194-195)

Como as personagens e/ou fontes se encontram na narrativa jornalística articuladas a partir de um determinado acontecimento que diz respeito a todas

elas, resta ainda a investigar os modos como o “mundo” do acontecimento é apresentado, pois como indica Paulo Bezerra, lidar com a noção de polifonia requer identificar como as individualidades mantêm sua identidade em meio a outras individualidades, mas também relativamente aos modos como se inscrevem na realidade social circundante. Em outro sentido, trata-se de perceber a polifonia também por meio da capacidade que a narrativa jornalística possui de dar conta da complexidade dos jogos sociais implicados em cada acontecimento narrado, indicando as disputas de sentido em torno dele que as personagens permitem ver.

Como observa Paulo Bezerra:

> O dialogismo, essência do pensamento filosófico bakhtiniano e fundamento de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, permite acompanhar as tensões no interior da obra literária, as relações interdiscursivas e intersubjetivas, as intenções ocultas das personagens, o diálogo entre culturas como essência da literatura, a luta entre tendências e “escolas literárias”, entre vozes como pontos de vista sobre o mundo, o homem, a cultura. Na ótica do dialogismo, a consciência não é produto de um eu isolado, mas da interação e do convívio entre muitas consciências, que participam desse convívio com iguais direitos como personas, respeitando os valores dos outros que igualmente respeitam os seus. (BEZERRA, 2010, p. XXII, com destaques no original)

Identificadas as características centrais da polifonia e sua íntima conexão com as noções, também bakthnianas, de dialogismo, interdiscursividade e

intersubjetividade, temos as delineações teóricas e metodológicas mínimas para proposições sobre como lidar com as interconexões entre jornalismo e polifonia no âmbito das textualidades noticiosas. Isso se dá inclusive nessa condição fundamental de que a polifonia também implica as possíveis disputas de sentido sobre o mundo entre narrador e as personagens e seus acontecimentos motivadores das narrativas. Duas são as frentes principais a desvendar: a importância central das personagens em qualquer investimento teórico e metodológico que diz respeito à polifonia e as questões que giram em torno da noção de dialogismo, sempre mantendo como pano de fundo que a linguagem tem uma vinculação social inescapável.

Jornalismo e polifonia: aproximações possíveis

Somente por aproximação é possível lidar com o conceito de polifonia aplicado às textualidades jornalísticas, pois se trata de produção narrativa cujas peculiaridades não contemplam todas as variáveis descritas por Bakhtin ao apresentar a natureza polifônica em Dostoiévski. Pretender a equivalência entre fontes e personagens constitui o primeiro equívoco que pode limitar as potencialidades heurísticas da noção de polifonia. Afinal, não há uma passagem direta entre as fontes consultadas na produção das notícias e a apresentação das personagens nessas narrativas. Muitas fontes não se materializam em personagens, sendo incorporadas à voz do narrador ou simplesmente desconsideradas. Ao mesmo tempo, personagens podem surgir no texto noticioso em função da dinâmica composicional e comunicacional da história. O “mundo do texto” noticioso é algo que resulta dos interesses organizacionais, das condições e padrões de produção, das disponibilidades de recursos linguísticos e técnicos, de espaços e tempos e não necessária e obviamente do espelhamento de um dado processo de apuração.

Num romance, as personagens são dispostas na narrativa pelo autor e lidar com essa noção no jornalismo constitui outro desafio teórico e metodológico. Quem articula a narrativa jornalística, diferentemente do romance, não é um “autor” isolado e o conceito de autoria pode mesmo ser estranho ao universo das narrativas jornalísticas, nas quais encontramos variáveis como linha editorial da mídia noticiosa, funções na cadeia produtiva da informação, fontes às quais se recorre para o esclarecimento do acontecimento narrado, dentre outras variáveis. Como visto, recorrer a noções como locutor e enunciador não é menos problemático, especialmente pelas possibilidades de confundir a diversidade de agentes nessa cadeia produtiva e de locutores e enunciadores como a condição isolada de presença polifônica nas narrativas jornalísticas. As discussões bakthnianas sobre as relações entre autor e personagens, sobretudo ao lidar com a poética de Dostoiévski e com as dimensões estéticas da criação verbal, situam as relações entre autor e personagem em sofisticados níveis de problematizações que, se têm na polifonia, no dialogismo, na interdiscursividade e na intersubjetividade seus elementos mais evidentes, não se esgotam nessas possíveis interconexões.

Se polifonia e dialogismo são modos de negar a coisificação do outro, reconhecendo-lhe de forma plena a alteridade, é necessário teórica e metodologicamente matizar como se dão as relações interdiscursivas e intersubjetivas na articulação de fontes, personagens e suas inserções no mundo do acontecimento jornalisticamente narrado. Como chamamos atenção anteriormente temos aqui uma forte implicação ética que, acrescente-se, está muito além da verificação de regras previstas em códigos deontológicos específicos das atividades do jornalismo. O que está em jogo diz mais respeito às interconexões entre ética e alteridade a partir das proposições de Paul Ricoeur (1991) da verificação do *quem* da e na narrativa, procedimento que ultrapassa investigações que tendem a limitar seu escopo de investigação sobre o *quê* a

partir do qual se narra. Submetida à lógica do *quê* implicado em um determinado acontecimento fontes e personagens atingem o grau máximo de coisificação, particularmente quando nem sequer as dimensões de historicidade – dos acontecimentos, das notícias, das mídias informativas, das fontes e das personagens – são devidamente consideradas como problemas a investigar nas narrativas jornalísticas. Interdiscursividade e intersubjetividade dependem, quando da verificação consequente do *quem* da e na narrativa, de suas historicidades e das relações temporais, dimensões que se apagam quando de pesquisas sobredeterminadas pelos limites do presenteísmo (ANTUNES, 2007; HARTOG, 2013; DOSSE, 2013, entre outros).

Ainda a considerar as potencialidades que as noções de narrativa trazem para as investigações sobre as interconexões entre jornalismo e polifonia, a partir do que Bruno Leal (2006) denomina "olhar narrativizante", sintetizado na perspectiva de que a narrativa não diz somente sobre si mesma, mas sobre as relações sociais que deixa ver. Seja em condição literal, ou como metáfora que diz respeito a teorizações e dimensões metodológicas, as narrativas articulam acontecimentos, mundos sociais e implicam modos de ver e relações de poder. Como instâncias de saber-poder, as narrativas apresentam essa ação de forma autoritária e limitada quanto às contradições sociais, quando tendendo à monofonia, e potencialmente de forma democrática e atenta às lutas pelo reconhecimento da alteridade e dos jogos de poder quando polifônicas.

Dois breves exercícios analíticos nos auxiliarão na ilustração de algumas dimensões aqui apontadas e serão feitos a partir de uma narrativa eminentemente verbal e outra de natureza claramente verbovisual. A primeira compreende duas pequenas notas publicadas na coluna de Ancelmo Góis no jornal *O Globo*.

> **Sargento gostoso**: Alberto Lira, dono da lanchonete Mr. Burger, em Penedo, AL, foi preso por... batizar sanduíches com patentes militares. O comandante da PM local achou ofensa. Para o militar, não ficaria bem alguém dizer: "Acabei de comer um sargento".
>
> **Mas**... Lira, solto, decidiu processar o PM por abuso de autoridade. Alega que, "se o argumento fosse válido, festa de criança não poderia ter... brigadeiro". Faz sentido. (GÓIS, 2008, p. 18)

De início, chama a atenção que as duas pequenas notas necessitam, para sua compreensão, de uma leitura conjunta. Elas estão articuladas e interdependentes, em função da escolha narrativa de quem a compõe e também do padrão formal e visual da coluna em que se inserem. A qualidade polifônica das duas notas está na presença de um narrador, de uma personagem nomeada (Alberto Lira) e outra apenas identificada por seu cargo institucional (comandante da Polícia Militar de Penedo, Alagoas) que marcam posições bastante distintas frente ao mundo. A partir do desagrado com a nomeação de sanduíches com patentes militares e da entrada com ação judicial, a diversidade de visões sociais de mundo são, além disso, melhor compreendidas a partir da perspectiva histórica que destacamos anteriormente. Se não fica bem "comer um sargento" é porque, em sociedades hierarquizadas, as patentes – ou pessoas situadas em condições socialmente privilegiadas – não devem estar sujeitas a tratamentos dispensados a outras gentes. Mas é também evidente a conotação sexual do "comer", que em linguagem corrente aplicamos para referirmos à conjugação carnal. Nesse caso específico, se o imaginário diz do homem policial como representante típico da masculinidade, ao coronel cabe o papel de comer, e não de ser comido. Há, portanto, conflitos em jogo que dizem, simultaneamente, do autoritarismo que no caso brasileiro costuma estar associado aos militares de forma geral – lembranças

da ditadura implantada em 1964 têm peso nesse particular – e às hierarquizações de gênero que deixam à mostra o machismo. A nota se encerra com a argumentação, aparentemente irrefutável, de que crianças (presumidamente inocentes e livres de conotações sexuais em seu apetite por doces) comem brigadeiros, a propósito, patente superior em uma das carreiras militares.

Um outro exemplo é a capa do jornal popular *Meia Hora de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 07 de março de 2014.

Fig 1 – Capa do *Meia Hora* em 07/03/2014

A manchete no centro da página é composta por 3 grandes elementos visuais: um chapéu, situado numa faixa vermelha, que percorre toda a extensão da capa e une dois blocos, um, de fundo rosa, com ilustrações de serpentina e o texto principal da chamada, e uma fotografia, à esquerda, na qual é sobreposta uma imagem de um pintinho amarelinho e um balão típico de histórias em quadrinhos. Cada um dos textos verbais que compõem a manchete materializa uma perspectiva e um olhar sobre o acontecimento – a greve dos garis da cidade do Rio de Janeiro durante o Carnaval desse ano. Esses três olhares clivam o modo como o jornal apreende o acontecimento: ora com constatação, ora com bom humor, ora com indignação. Transformado em personagem pelo gesto organizador da mídia informativa, o "pintinho amarelinho" se apresenta como um enunciador, reverberando uma expressão popular comum na cidade: "feliz como um pinto no lixo". Composta por diferentes elementos gráficos, fotográficos e verbais, portanto, a capa traz um jogo de vozes que é fortemente dependente da relação que esse jornal mantém com seu público, ao longo de sua história, de sua identidade – como periódico popular carioca – e da disposição dos recursos verbovisuais.

Ambos exemplos acionados aqui apresentam construções que se podem caracterizar como polifônicas. A riqueza da aproximação do conceito bakhtiniano com o jornalismo se revela, então, não como uma premissa a ser confirmada, mas ao sabor de cada caso, em suas peculiaridades e na diversidade que adquire. Da mesma forma que tais exemplos marcam construções polifônicas, outros poderiam ser acionados para demonstrar o contrário: o quanto certos textos simplificam o mundo social, apagamento ou silenciando as vozes ali presentes. Menos, portanto, que dizer de antemão que o jornalismo é polifônico, a força heurística do conceito depende da verificação de se, quando e como as vozes sociais se imiscuem nos entremeados dos tecidos textuais – nem sempre democráticos – das notícias e das mídias informativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antunes, E. (2007). Temporalidade e a produção do acontecimento jornalístico. Revista *Em Questão*, *1* (3), 25-40.

Bakhtin, M. (2006). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M. (Volochínov) (2009). *Marxismo e filosofia da linguagem*: *problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

Bakhtin, M. (2010). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Bakhtin, M. (2010). *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec.

Bezerra, P. (2005). Prefácio: uma obra à prova do tempo. In: Bakhtin, M. (2010). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Brait, B. (2005). Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: Brait, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp.

Brait, B. (2009). Problemas da poética de Dostoiévski e estudos de linguagem. *In*: Brait, B. (org.). *Bakhtin*: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto.

Carvalho, C. A. de (2012). *Jornalismo, homofobia e relações de gênero*. Curitiba: Editora Appris.

Dosse, F. (2013). *O renascimento do acontecimento*. São Paulo: Unesp.

Fonseca, A. C. S., & Jáuregui, C. (2010). *A contribuição de uma teoria polifônica do discurso para a reflexão sobre o papel das ONGs na construção de um jornalismo plural: a experiência da Rede ANDI Brasil*. IV Conferência

Brasileira de Mídia Cidadã. Disponível em: http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/A%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma%20teoria%20polif%C3%B4nica%20do%20discurso%20para%20a%20reflex%C3%A3o%20sobre%20o%20papel%20das%20ONGs%20na%20con.pdf.

Góis, A. (2008). *Sargento gostoso*. Rio de Janeiro: O Globo, página 18.

Hartog, F. (2013). *Evidências da História*. Belo Horizonte: Autêntica.

Leal, B. S. (2006). Saber das narrativas: narrar. *In*: Guimarães, C. & França, V. (orgs.). *Na mídia, na rua*: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica.

Leal, B. S., Carvalho, C. A. (2012). *Jornalismo e homofobia no Brasil*. São Paulo: Intermeios.

Machado, M. B. (2004). Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. Intexto, *1* (14), 1-11 janeiro/julho 2006. Porto Alegre: UFRGS.

Marcuzzo, P., Motta-Roth, D. (2008). Polifonia e avaliação em notícias de popularização da ciência. *Anais do CELSUL 2008.* Disponível em: http://celsul.org.br/Encontros/08/polifonia_e_avaliacao.pdf.

Miranda, F. A. (2008, 2º semestre). A reportagem como trama de vozes na construção da identidade de Felipe Klein. *Mediação,* (7). Belo Horizonte.

Mouillaud, M. (2013). *O jornal*: da forma ao sentido. (3ª ed.) Brasília: UnB.

Polifonia. *In*: Brait, B. (org.). *Bakhtin*: *conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

Ricoeur, P. (1991). *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus.

Ricouer, P. (1994). *Tempo e narrativa* – Tomo I. Campinas: Papirus.

Ricouer, P. (1997). *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas: Papirus.

Silva, G. D. (s/d). *A polifonia como estratégia argumentativa na informação televisiva*. Disponível em: http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec03/article/viewFile/288/364.

Soloski, J. (1999) Jornalismo e profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. Traquina, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. (pp.91-100). Lisboa: Veja.

Traquina, N. (2002). *Estudo do Jornalismo no sec. XX*. Florianópolis: Insular.

Zelizer, B. (2009) (org.). *The changing faces of journalism*. Nova York: Routledge.